

Profetismo: rumos atuais da pesquisa

Esta Mesa Redonda tem o tema: “Profetismo: rumos atuais da pesquisa”, e é claro que este tema não precisa se encaixar necessariamente no tema geral do nosso seminário, “Ética profética para um mundo sustentável”. Também é claro que este título leva a esperar afirmações e descrições dos rumos que existem atualmente entre nós na pesquisa sobre o profetismo.

Mesmo que estes dois aspectos sejam claros, eu gostaria de aproveitar deste momento para partilhar com vocês algo um pouco diferente. Não quero falar dos rumos que estão presentes entre nós e que estão bem desenvolvidos, mas sim dos rumos que atualmente parecem estar meio ausentes e que precisariam ser desenvolvidos de forma mais profética e mais sustentável, justamente pelo bem da nossa ética e pelo bem de um mundo sustentável. Optei por tomar como exemplo a leitura bíblica feminista libertadora, porque é o campo de que mais entendo, o campo em que mais tenho pesquisado e assumido assessorias.

Na área do profetismo, a pesquisa feminista começou, no mundo em geral e também no Brasil em especial, da mesma forma como começou também em outros temas. Dentro do tema geral “A Bíblia na ótica da mulher” ou “As mulheres na Bíblia” enfocamos o assunto “Os profetas na ótica da mulher” ou “As profetisas na Bíblia”.

Naquela fase pipocaram descobertas que abriram horizontes jamais imaginados. Descobrimos as profecias obscenas em Ezequiel, as profecias misóginas em Oseias e as profecias difamadoras da religião popular em Jeremias. Descobrimos que havia no Antigo Oriente profetisas não só em religiões chamadas pagãs, por exemplo, nas religiões de Mari, da Assíria, da própria Canaã, mas que havia profetisas dentro da Bíblia, tanto no Primeiro como no Segundo Testamento.

Na época foi fácil preparar cursos do CEBI ou em comunidades de base ou em movimentos de mulheres. A gente pegava aqueles textos e botava a mulherada para descobrir e comentar no Antigo Testamento Miriam, Débora, Hulda e Noadías, e talvez ainda Ana e as assim chamadas falsas profetisas em Ezequiel. No Novo Testamento já era mais difícil, porque as quatro filhas de Filipe renderam pouco, as mulheres de Corinto com cabeça coberta ou cabeça raspada renderam desconforto, e a figura da mulher que anima para derrubar os poderosos de seus tronos rendia em geral comentários sobre Nossa Senhora, mas não sobre o profetismo.

As descobertas feitas naquela fase contribuíram imensamente com a autoestima das mulheres. Elas ajudaram às mulheres a terem ou pelo menos a reivindicarem cada vez mais voz e vez, sobretudo nas lutas sociais, e também nas lutas dentro das comunidades eclesiais.

Mas ficou claro que esta aproximação não era o suficiente, que ela era apenas a base para uma análise e leitura mais sistemática e mais feminista – feminista no sentido como eu, junto com muitas companheiras e companheiros, gosto de entender o termo: como uma análise que serve à luta das mulheres por sua igualdade em direitos e dignidade.

Assim passamos, pouco a pouco, a desenvolver e praticar hermenêuticas feministas que ajudavam a pesquisar e analisar qualquer texto dentro da Bíblia, sem limitação à pergunta se apareciam nele mulheres ou se ele falava sobre mulheres. Na área do profetismo e dos profetas, isto ajudou imensamente a desmascarar e denunciar o machismo, a misoginia e o androcentrismo que permeia seus ditos transmitidos e suas atitudes em geral, assim como as redações finais dos livros proféticos as apresentam. Foi uma fase em torno da virada do milênio que parecia bastante esperançosa, fértil e promissora. Mas era claro que também esta aproximação era somente uma fase, um momento de passagem na busca de horizontes e articulações sempre maiores.

E nessa busca ocorreu algo que, a meu ver, prejudicou a leitura feminista do profetismo e dos profetas, e a prejudicou de tal forma que hoje em dia a maioria das pessoas interessadas na pesquisa e leitura da Bíblia nem sabe mais o que as mulheres mais simples sabiam naquela fase em que descobrimos “As mulheres na Bíblia”.

A maioria dos novos estudiosos e estudiosas da Bíblia nem sabe mais da importância de uma Miriam ou da existência das quatro filhas de Felipe que eram profetisas, e muito menos sabe ler essas figuras naquela análise que eu chamo de feminista libertadora. O que ocorreu tem a ver com dois aspectos, um positivo e outro negativo.

O aspecto negativo, é claro, foi a enorme resistência e perseguição que a leitura feminista da Bíblia encontrou especialmente nos ambientes hierárquicos daquelas Igrejas que mais estão em dívida com o reconhecimento dos Direitos Humanos e Religiosos da Mulher.

O aspecto positivo, mas que teve consequências complicadas, é o fato de ampliar o horizonte também para a opressão sofrida pelo homem em geral, pelas pessoas de etnias chamadas minoritárias, pelas pessoas de orientações sexuais diferentes da heterossexual atrelada ao casamento patriarcal, e finalmente para aquela opressão da natureza não humana que costumamos chamar de meio ambiente.

Isto quer dizer que se passou muitas vezes a fazer uma leitura “de gênero” que não tinha nada de crítico e nada de apoio à luta feminista. E quer dizer que muitas vezes se voltou, de certa forma, para a antiga luta da Teologia da Libertação que visualizava um sujeito genérico, por exemplo, o pobre, o oprimido, o excluído, e não articulava os aspectos concretos dos diferentes corpos desse sujeito.

Atualmente é muito mais chamativo lutar contra a homofobia como tal, mas sem questionar o machismo e a construção patriarcal geral do homem e da mulher que causam esse tipo de discriminação.

É muito mais aceitável lutar pelo meio ambiente, sobretudo quando essa luta se reduz a plaquinhas “Não pise na grama” ou a recados no fim de e-mails “Pense nas florestas antes de imprimir esta mensagem”.

É muito mais conveniente, socialmente, traduzir lutas étnicas em ofertas de produtos cosméticos para a pele negra e para o cabelo crespo do que arriscar sua pele e algum fio de seu cabelo nos conflitos dos Guarani no Mato Grosso do Sul, dos Xavante no Araguaia e das mais que vinte nações indígenas na região do Belo Monte.

E sobretudo é muito mais fácil queixar-se em encontros bíblicos dos padres e dos bispos do que lutar pelo respeito de direitos básicos em ambientes religiosos totalitários e apenas pseudo-democráticos.

Na esteira desse cansaço ou aburguesamento nas lutas, no meio dessa domesticação das ideologias, parece que também a leitura feminista libertadora e profética da Bíblia saiu da moda e se reduz a um número de pessoas e grupinhos cada vez menor.

Por isto percebo uma grande necessidade de realizar em nossos ambientes de pesquisa, estudo, pastoral e militância um rumo que justamente não é o atual da abordagem do profetismo, mas que é, a meu ver, o mais salutar: uma leitura efetivamente feminista-crítica, articulada com outras leituras crítico-libertadoras, segundo as necessidades concretas das situações e dos corpos atingidos.

Mas para não ficar somente com esta análise que tem mais caráter de denúncia do que de anúncio, eu gostaria de oferecer ainda um pequeno exemplo de como eu imagino uma leitura feminista libertadora do fenômeno do profetismo bíblico, uma leitura que é, ela mesma, profética. É o exemplo de um exercício de leitura feminista e intertextual em torno das duas irmãs Maria e Marta.

Vamos lembrar o que o Segundo Testamento diz sobre elas:

- em Lucas 10, Jesus fica na casa das duas, e há a famosa questão sobre quem escolheu a melhor parte;
- em João 11, Jesus ressuscita o irmão delas, e Marta confessa Jesus como o Messias, o Filho de Deus;
- em João 12, Jesus janta na casa dos três, na véspera de sua Paixão e morte, e Maria unge Jesus.

Na época em que estávamos caçando “profetisas na Bíblia”, nem Maria nem Marta entraram nesse elenco, porque a gente ficava presa na lógica androcêntrica de não reconhecer em mulheres com as atitudes delas profetisas no sentido mais profundo do conceito. Numa leitura feminista que se orienta mais pela estrutura das afirmações do que pelos termos usados, e que coloca afirmações individuais num horizonte maior dos textos bíblicos, podemos levantar os seguintes aspectos:

1. Lucas é muito elogiado como o evangelista que mais fala de mulheres, mas analisando a maneira como ele fala, ele se comprova extremamente manipulador e opressor. No caso de Maria naquela cena de seu cap. 10, ele apresenta como modelo de discípula uma mulher parada e calada e ainda faz Jesus jogar a atitude dela contra uma mulher que se mexe e que reclama. E pior ainda: Lucas se incomodou tanto com o gesto profético de Maria, o gesto de ungir Jesus como o messias sofredor, que ele cortou essa cena totalmente de seu evangelho e apresentou em vez disso no seu capítulo 7 aquela mulher pecadora que se torna objeto do perdão de Jesus.

Ou seja: Lucas se incomodou tanto com o exemplo de uma mulher extremamente corajosa e profética, uma mulher que se atreveu a realizar o sacramento da unção, reservado no Primeiro Testamento a profetas oficialmente reconhecidos, que ele fez dela a figura de uma prostituta arrependida, cometendo a mesma discriminação que a tradição posterior cometeu com Maria Madalena.

2. Na situação insinuada por Lucas, Marta parece estar na cozinha preparando a janta, e ela reclama que Maria não lhe ajuda. Reclamar a ajuda de um homem tão emancipado como Jesus não parece lhe passar pela cabeça. E além disso, há biblistas feministas que questionam uma outra armadilha muito arraigada nas nossas mentes: espontaneamente se imagina que mulher estressada dentro do lar deve estar lutando com as panelas.

Como seria se Marta, na comunidade de Lucas que se reflete no Evangelho dele, fosse a coordenadora daquela Igreja doméstica e na verdade estivesse estressada porque ainda não tinha preparado a homilia daquela ceia do Senhor que ela ia presidir à noite? E como seria se a ajuda que ela precisava de Maria fosse, por exemplo, verificar qual salmo messiânico poderia iluminar a memória de Jesus que elas fariam naquela ocasião?

Aí um homem como Lucas teria ainda muito mais razão de dizer que lugar de mulher na Igreja é sentar calada ao pé do homem que vai ministrar o sacramento e fazer teologia.

3. No Evangelho de João, Marta assume o papel que Pedro assume nos Evangelhos Sinóticos: em clarividência profética, ela anuncia ao mundo que Jesus é o Messias, o Filho de Deus. Segundo a lógica dos Sinóticos, claros partidários de Pedro, Marta deveria ter ouvido em João, claro partidário dela, mas de Pedro nem tanto, as seguintes palavras de Jesus:

“Bem-aventurada és tu, Marta, porque não foram carne ou sangue que te revelaram isto, mas meu Pai que está no céu. [Parêntese minha: revelações recebidas de Deus, do céu, e proclamadas ao mundo, caracterizam o profeta ou a profetisa]. Eu te digo: tu és Marta, uma verdadeira rocha, e sobre esta rocha vamos edificar nossa Igreja, e os avanços do diabo nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino do Céus... etc.etc.”

Imaginem o que seria de todos nós, não só dos católicos e católicas, se a Igreja antiga tivesse tido a coragem de acolher devidamente o gesto profético de Maria e a declaração profética de Marta.

E imaginem o que seria de todos e todas nós, de nossas faculdades e comunidades, movimentos e sociedades, da nossa vida individual e do nosso mundo, se tivéssemos a coragem de orientar nossas pesquisas e interpretações na área do profetismo por leituras e atitudes neste espírito profético.

Monika Ottermann
monicacebi@uol.com.br
www.nhanduti.com